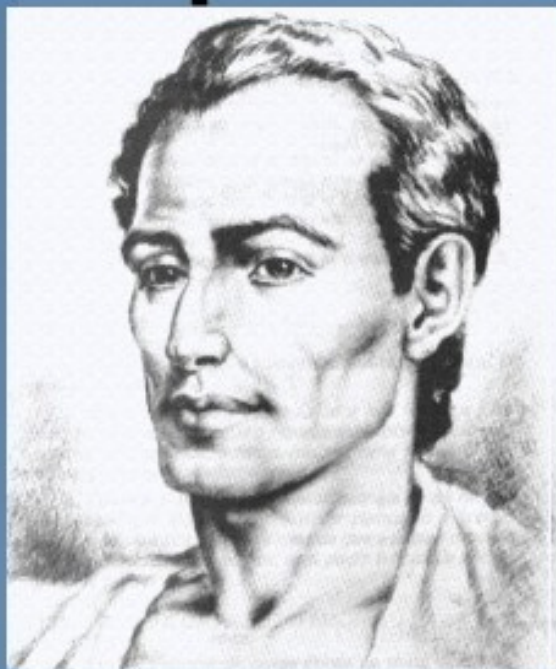


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO XXXII – O obreiro do Senhor

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicado em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo XXXII – O obreiro do Senhor	O Consolador	04
Complementos		
Obreiro sem fé	O Consolador	05
Observemo-nos	O Consolador	06
Trabalho e nós	O Consolador	09

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

O obreiro do Senhor

Reunião pública 08/05/1959

Questão 897

Cada criatura mora espiritualmente na seara a que se afeiçoa.

É assim que, se o justo arrecada prêmios da retidão, o delinquente, em qualquer parte, recolhe os frutos do crime.

O obreiro do Senhor, por isso mesmo, onde surja, é conhecido por traços essenciais.

Não cogita do próprio interesse.

Não exige cooperação para fazer o bem.

Não cria problemas.

Não suspeita mal.

Não cobra tributos de gratidão.

Não arma, ciladas.

Não converte o serviço em fardo insuportável nos ombros do companheiro.

Não transforma a verdade em lâmina de fogo no peito dos semelhantes.

Não reclama santidade nos outros, para ser útil.

Não fiscaliza o vintém que dá.

Não espia os erros do próximo.

Não promove o exame das consciências alheias.

Não se cansa de auxiliar.

Não faz greve por notar-se desatendido.

Não desconhece as suas fraquezas.

Não cultiva espinheiros de intolerância.

Não faz coleção de queixas.

Não perde tempo em lutas desnecessárias.

Não tem a boca untada com veneno.

Não sente cóleras sagradas.

Não ergue monumentos ao derrotismo.

Não se impacienta.

Não se exhibe.

Não acusa.

Não critica.

Não se ensoberbece.

Entretanto, frequentemente aparece na Seara Divina quem condene os outros e iluda a si mesmo, supondo-se na posse de imaginária dominação.

O obreiro do Senhor, todavia, encarnado ou desencarnado, em qualquer senda de educação e em qualquer campo religioso, segue à frente, ajudando e compreendendo, perdoadando e servindo, para cumprir-lhe, em tudo, a sacrossanta Vontade.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

Obreiro sem fé

“... e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.” (Tiago, 2:18)

Em todos os lugares, vemos o obreiro sem fé, espalhando inquietação e desânimo.

Devota-se a determinado empreendimento de caridade e abandona-o, de início, murmurando: “Para quê? O mundo não presta.”.

Compromete-se em deveres comuns e, sem qualquer mostra de persistência, se faz demissionário de obrigações edificantes, alegando: - Não nasci para o servilismo desonroso.

Aproxima-se da fé religiosa, para desfrutar-lhe os benefícios, entretanto, logo após, relega-a ao esquecimento, asseverando: - “Tudo isto é mentira e complicação.”.

Se convidado à posição de evidência, repete o velho estribilho:
- “Não mereço! sou indigno!...”.

Se trazido a testemunhos de humildade, afirma sob manifesta revolta: - Quem me ofende assim?

E transita de situação em situação, entre a lamúria e a indisciplina, com largo tempo para sentir-se perseguido e desconsiderado. Em toda parte, é o trabalhador que não termina o serviço por que se responsabilizou ou o aluno que estuda continuamente, sem jamais aprender a lição.

Não te concentres na fé sem obras, que constitui embriaguez perigosa da alma, todavia, não te consagres à ação, sem fé no Poder Divino e em teu próprio esforço.

O servidor que confia na Lei da Vida reconhece que todos os patrimônios e glórias do Universo pertencem a Deus. Em vista disso, passa no mundo, sob a luz do entusiasmo e da ação no bem incessante, completando as pequenas e grandes tarefas que lhe competem, sem enamorar-se de si mesmo na vaidade e sem escravizar-se às criações de que terá sido venturoso instrumento.

Revelemos a nossa fé, através das nossas obras na felicidade comum e o Senhor conferirá à nossa vida o indefinível acréscimo de amor e sabedoria, de beleza e poder.

Elucidações de Emmanuel, Obreiro sem fé – O Consolador – N° 136 – 06/12/2009

Emmanuel, Livro: Fonte Viva, (cap. 26), (Chico Xavier).

Observemo-nos

“Aquele que diz permanecer nele, deve também andar como ele andou” (I João, 2:6.).

Essa passagem faz parte de uma carta na qual João pretende fornecer, àqueles que queriam caminhar com Jesus, o testemunho dos apóstolos, mostrando suas lutas íntimas para reformularem seus sentimentos.

João conclama a todos a lutarem contra a fragilidade da natureza humana, e não se acomodarem a ela.

Diz-nos, também, que o verdadeiro Cristianismo está na observância do mandamento do amor que o Mestre renovou, lançando novas luzes sobre ele, e que “aquele que diz conhecê-Lo, e não guarda os mandamentos, é mentiroso, pois não há nele a verdade”.

Se pretendemos cooperar com o Cristo, e nos colocamos em posição de aprendizes, é imprescindível sintonizarmos a estação de nossa vida com o Seu Evangelho Redentor.

Quando Jesus atribuiu a si próprio à qualidade de Caminho, Verdade e Vida, não fez, certamente, uma declaração de ordem pessoal, mas referiu-se à mensagem que trouxera ao mundo em nome de Deus, nosso Pai.

Reportou-se aos ensinamentos, ao roteiro que traçava a moral que nos conduziria à perfeição, isto é, a tudo que Ele exemplificava.

O Evangelho é o Caminho que o aprendiz segue, porque seguindo-o não nos perderemos nas estradas sombrias da incompreensão, do inconformismo, da injustiça e de tantos outros sentimentos que abrigamos ainda em nossos corações; é a Verdade, porque seus ensinamentos são verdadeiros e, portanto, eternos – podem passar séculos, milênios que as palavras nele contidas permanecerão vivas, atuais, para sempre; é Vida porque a alma se alimenta dele, e quem o pratica viverá para sempre, pois representa a vida que o seguidor de Jesus deve viver.

Entretanto, agora perguntamos: quantos de nós que se propõem ser aprendizes do Evangelho conseguem, verdadeiramente, permanecer ao lado do Mestre e, principalmente, andando como ele andava, praticando, vivenciando e exemplificando cada ensinamento que transmitia? Muitos de nós se encantam com as palavras do amado Mestre, emocionam-se ao ouvir as histórias de sua vida, mas quantos, realmente, sentem no coração, no íntimo do seu ser, o chamamento à prática desse Evangelho? Quando nos propomos a trabalhar em Seu nome é necessário que nos observemos, atentamente, e busquemos saber se falamos uma coisa e exemplificamos outra.

Dessa maneira, muitas vezes, afirmamos viver com a bondade de Jesus e não hesitamos em nos atirar contra os semelhantes, através da maledicência e da crueldade.

Muitos de nós garantem compreender o otimismo de Jesus através de sua fé inabalável nos desígnios de Deus; entretanto, diante dos problemas que nos afligem a existência, entregamo-nos ao pessimismo e ao desespero, na certeza de que o Pai nos abandonou e que estamos sozinhos.

E o que dizer das vezes em que proclamamos a fraternidade do Cristo, dizendo da nossa admiração pelo amor que espalhava onde quer que fosse e, no entanto, incentivamos a discórdia e a separação?

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

Jesus tinha uma vida simples e da mesma maneira passava seus ensinamentos. Admiramos essa simplicidade no Mestre, mas conseguimos complicar os problemas que nos surgem no caminho evolutivo.

Emmanuel nos adverte que, se nos confessamos aprendizes do Evangelho, observemos nossos próprios passos, e busquemos escutar no íntimo do nosso ser as palavras do Mestre Condutor de nossa existência, convocando-nos a ter coerência entre o que prometemos e o que realizamos, entre o ideal e o esforço. Quem segue o Cristo vive seu apostolado.

Entre o ideal que é viver Seu Evangelho e o esforço que despendemos para vivê-lo fica a pergunta que Jesus, incessantemente, nos faz: “Que buscais?” É imprescindível meditarmos sobre o que realmente buscamos, e qual é a qualidade do nosso esforço no cumprimento dos deveres que nos competem, não importam quais sejam eles.

Lembremo-nos que o nome de Jesus está empenhado em nossas mãos.

Procuremos compreendê-Lo para que possamos nos afeiçoar a Ele e, verdadeiramente, amá-Lo.

Quando o apóstolo João declara: “aquele que diz permanecer nele, deve também andar como ele andou”, pretendeu dizer tão-somente que quem se afirma seguidor de Jesus deve imitar-lhe a conduta, buscando viver na exemplificação em que o Mestre viveu.

Para que possamos, assim, vivenciar, mister se faz que analisemos o que fazemos; que observemos o que dizemos; que meditemos em torno das nossas aspirações mais ocultas, procurando a resposta à indagação do Mestre Amigo: “Que buscais?”.

Entretanto, mesmo que a dúvida nos assuste e o medo faça morada em nossos corações, continuemos sem temor, servindo e cooperando, porque mesmo, vacilantes, Ele espera que cada um de nós O ajude a melhorar o lugar onde vivemos.

E a partir de nosso lar, das pessoas que estão mais próximas de nós, esforcemo-nos para não decepcionar esse Querido Amigo que sabe que, mais cedo ou mais tarde, com mais ou menos sofrimentos, estaremos ao Seu lado.

Como sabemos que todo dia é tempo de renovar nossas aspirações, e que todo instante é recurso de começar o melhor, não vamos deixar para amanhã as renovações que possamos fazer hoje.

E que renovações são essas? Vejamos.

Dizemos, muitas vezes, que não aguentamos mais o clima de luta na experiência doméstica, entretanto, se fizermos força no cultivo da renúncia que beneficia a harmonia, transformaremos nossa casa em um refúgio de amor.

Dizemos, tantas vezes, que não suportamos mais o amigo desajustado, mas, se fizermos força no exercício da tolerância, é possível consigamos convertê-lo, amanhã, em colaborador ideal.

Desanimados, dizemos, muitas vezes, que não adianta ensinar o bem, no entanto, se fizermos força para exemplificar o que ensinamos, atingiremos realizações de valores incalculáveis.

Dizemos, estar desistindo da caridade ante os golpes da ingratidão, mas se fizermos força para prosseguir, encontraremos na caridade a perfeita alegria de servir.

Como podemos sentir, não é fácil seguir o Mestre, mas, se já estamos a caminho, por que não fazê-lo? Meus irmãos, que Jesus nos ampare na nossa real vontade de seguir-lhe os

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

passos, e, fortalecidos pelo Seu amor, que nunca nos abandonou, roguemos ao Pai que nos abençoe as propostas de mudança e de crescimento que buscamos a cada dia em nossas existências.

Leda Maria Flaborea, Observemo-nos – O Consolador – Nº 78 – 19/10/2008.

Bibliografia:

Emmanuel, Fonte Viva, (lições 134 e 167), (Chico Xavier).

Emmanuel, Religião dos Espíritos, (p. 81), (Chico Xavier).

Espíritos Diversos, O Espírito da Verdade, (lições 35 e 54), (Chico Xavier, Waldo Vieira).

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

Trabalho e nós

Comum perguntarmos em que lugar estaria o Senhor esperando por nós, a fim de que lhe venhamos executar os desígnios. No entanto, a resposta será sempre a mais simples – decerto que Ele nos aguarda o concurso precisamente onde nos achamos.

E, entendendo-se que o Amigo Sublime conta conosco, disponhamo-nos a atendê-Lo, desincumbindo-nos da melhor maneira do dever que se nos atribui.

Principalmente, em lhe obedecendo às determinações, nada reclamar, de vez que isso nos colocaria na posição de que estivesse acolhendo a vida como um fardo, ao invés, de uma bênção.

Reconheçamo-nos na condição do servo a quem se confiam várias empreitadas na estância do tempo e despendamos maior atenção, a fim de penetrar o sentido destes dois advérbios de profunda significação espiritual: Aqui e Agora.

Aqui é sempre o local a que o Senhor nos trouxe para a execução desse ou daquele serviço, neste justo momento. Se aprendermos semelhante realidade, perceberemos, de pronto, a importância fundamental de uma opinião, de uma frase, de uma conversação, ainda mesmo a mais singela e a mais apagada.

E, compreendendo-se que acima daquilo que damos ou fazemos, importa saber como fazemos ou damos; é imperioso arredar de nós qualquer postura que pressuponha reprovação, cansaço, desânimo ou desprazer.

Guardemos naturalidade e lhaneza à frente dos outros.

Caridade é também não constranger ou impressionar negativamente.

Sobretudo, não esperar que o Senhor esteja aguardando a nossa contribuição na galeria dos heróis ou na assembleia dos santos, quando provavelmente estará, solicitando, Aqui e Agora, de nós outros, alguma tarefa aparentemente insignificante ou a prestação de pequenino favor ao próximo.

Não crer que Ele, o Benfeitor Excelso, estivesse a chamar-nos para falar em Seu nome, tão somente, a personalidades famosas ou respeitáveis, e, se vemos pela frente um malfeitor ou um mendigo, compreender que esses irmãos menos felizes são as pessoas com as quais devemos tratar dos Interesses Divinos, na mais elevada expressão de nossos recursos.

Ninguém existe órfão de serviço e ninguém é esquecido nas tabelas de nomeação do Governo do Universo para o levantamento das boas obras, necessárias no distrito da existência em que nos encontramos.

Para nós todos haverá salário pelo orçamento da Lei de Causa e Efeito e para cada obreiro fiel haverá segurança pelas dotações do Instituto da Providência Divina.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO XXXII)

Observemos o nosso lugar de ação e saibamos aceitar sem relutância as obrigações que as circunstâncias nos determinem.

Então, compreenderemos, se soubermos obedecer, que o Senhor nos situa hoje na posição ideal para cooperar com Ele, no lugar próprio, com o trabalho mais adequado à nossa capacidade e ao lado dos amigos e companheiros absolutamente certos, com os quais conquistaremos, por fim, a certeza de que estamos recolhendo pela Sabedoria e pela Bondade da Vida o melhor de que somos capazes, quanto a compreender e construir, aproveitar e fazer.

Elucidações de Emmanuel, Trabalho e nós – O Consolador – Nº 523 – 02/07/2017.

Emmanuel, Livro: Vereda de Luz, (Chico Xavier).